



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Carta de Guiné-Bissau para Francisco

Vilmar Alves Pereira¹

Universidade Federal do Rio Grande, FURG. Rio Grande/RS
<http://orcid.org/0000-0003-2548-5086>

Resumo: Este texto é resultado de uma recente vivência na mãe África, especificamente no Arquipélago Bijagós, por ocasião da realização do *V Congresso Internacional Lusófono de Educação Ambiental*. As aprendizagens e experiências reforçam a potencialidade da Internacionalização pelo horizonte da Educação Ambiental Popular no reconhecimento de valores, no reforço da cultura e na busca de alternativas coletivas para enfrentamentos das múltiplas crises que assolam o planeta. A experiência ocorreu de 11 a 18 de abril de 2019 e será apresentada em forma de carta, mantendo a tradição freiriana. Esta carta é um relato de experiência endereçada a Francisco Lemos Pereira, meu filho de 7 anos, com o objetivo de que um dia possa ao ler, sentir um pouco do muito que vivi. A decorrência atual da recém vivenciada experiência é pensarmos formas de parcerias Sul-Sul não mais a partir da ideia de que iremos lá para ensinar, mas ao contrário, a partir da possibilidade de compartilhamentos e conexões de saberes tão necessários para convivermos melhor numa perspectiva da não disputa, mas do acolhimento. Dessa forma, destaco alguns valores fundamentais aprendidos na viagem: cultura da paz como modo de ser; sentimento coletivo precede o sentimento de particularidade; os valores ancestrais e a escuta dos mais velhos orientam o agir na comunidade. No entanto, há um sonho muito latente além da luta por sobrevivência diária: o sonho de poder estudar. O sonho do direito à educação. E o sonho pela qualidade de vida digna e do cuidado ambiental, preservando as belezas e riquezas do arquipélago Bijagós de interesses que seguem a racionalidade estratégica voltada ao lucro e ao poder.

Palavras-chave: Educação Ambiental Popular; Guiné-Bissau; Francisco.

Carta de Guinea Bissau a Francisco

Resumen: Este texto es el resultado de una experiencia reciente con la madre África, específicamente Archipelago Bijagós, con motivo del *5º Congreso Internacional Lusophone sobre Educación Ambiental*. El aprendizaje y las experiencias refuerzan el potencial de la Internacionalización a través del horizonte de la Educación Ambiental Popular en el

¹ Doutor em Educação, Professor, Pesquisador do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG na linha de pesquisa sobre os Fundamentos da Educação Ambiental. Editor Chefe da Revista –Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental – REMEA. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande. v. 36, n. 3. Seção especial: V Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa. p. 235-260. Set/Dez. 2019.

E-ISSN 1517-1256

reconocimiento de valores, el refuerzo de la cultura y la búsqueda de alternativas colectivas para enfrentar las múltiples crisis que afectan al planeta. El experimento tuvo lugar del 11 al 18 de abril (2019) y se presentará en forma de carta, manteniendo la tradición freireana. Esta carta es un informe de experiencia dirigido a Francisco Lemos Pereira, mi hijo de 7 años, con el objetivo de que algún día pueda leer, sentir un poco de lo que viví. La consecuencia actual de la experiencia vivida recientemente es pensar en formas de asociaciones Sur-Sur, ya no por la idea de que iremos allí a enseñar, sino, por el contrario, por la posibilidad de compartir y conectar el conocimiento tan necesario para vivir mejor en una perspectiva de no disputa, sino el anfitrión. De esta manera, destaco algunos valores fundamentales aprendidos en el viaje: la cultura de paz como forma de ser; el sentimiento colectivo precede al sentimiento de particularidad; Los valores ancestrales y escuchar a los ancianos guían la acción en la comunidad. Sin embargo, hay un sueño muy latente más allá de la lucha por la supervivencia diaria: el sueño de poder estudiar. El sueño del derecho a la educación. Y el sueño de la calidad de vida digna y el cuidado del medio ambiente, preservando las bellezas y riquezas del archipiélago de intereses de Bijagos que siguen la racionalidad estratégica centrada en las ganancias y el poder.

Palabras-clave: Educación ambiental popular; Guinea-Bissau; Francisco.

Letter from Guinea Bissau to Francisco

Abstract: This text is the result of a recent experience with mother Africa, specifically Archipelago Bijagós, on the occasion of the *5th Lusophone International Congress on Environmental Education*. The learning and experiences reinforce the potential of Internationalization through the horizon of Popular Environmental Education in the recognition of values, the reinforcement of culture and the search for collective alternatives to confront the multiple crises that plague the planet. The experiment took place from April 11 to 18 (2019) and will be presented in letter form, maintaining the Freirean tradition. This letter is an experience report addressed to Francisco Lemos Pereira, my 7-year-old son, with the goal that one day I can read, feel a little of how much I lived. The current consequence of the recently lived experience is to think about forms of South-South partnerships, no longer from the idea that we will go there to teach, but, on the contrary, from the possibility of sharing and connecting so much needed knowledge to better live in a perspective of not dispute, but the host. In this way, I highlight some fundamental values learned in the trip: culture of peace as a way of being; collective feeling precedes the feeling of particularity; ancestral values and listening to elders guide action in the community. However, there is a very latent dream beyond the struggle for daily survival: the dream of being able to study. The dream of the right to education. And the dream for the dignified quality of life and environmental care, preserving the beauties and riches of the Bijagos archipelago of interests that follow the strategic rationality focused on profit and power.

Keywords: Popular Environmental Education; Guinea Bissau; Francisco.

Querido filho e amigo Francisco...

Entre os dias 11 e 18 de abril de 2019 estive em Guiné- Bissau por ocasião do V Congresso Internacional Lusófono de Educação Ambiental. Ainda no dia 10, antes do embarque, fui convidado para uma Roda de Conversa na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Como venho me preocupando muito com o nosso momento atual, propus a seguinte temática para a referida roda: *Modos de Ser e Estar no Mundo Ambientalmente em Tempos de Crise Ontológica*. Nessa conversa, partindo da

Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande. v. 36, n. 3. Seção especial: V Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa. p. 235-260. Set/Dez. 2019.

E-ISSN 1517-1256

compreensão heideggeriana de que “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser desse ente é cada vez meu” (HEIDEGGER, 2015, p.85), lancei-me na perspectiva reflexiva de pensar sobre todos os atravessamentos que estamos passando na atual conjuntura e de todos os reflexos que as decisões políticas e econômicas vêm trazendo em nosso modo de ser, viver e compartilharmos o mundo. Em geral, após termos apresentado as inúmeras limitações democráticas e suas implicâncias para a garantia de vida digna, apresentei o horizonte da *Ecologia Cosmocena* como um modo de ser reivindicando novas maneiras de nos relacionarmos com todas as outridades que integram o universo. Nesse sentido, tive uma excelente recepção de uma plateia atenta, educada e muito participativa (Fig.1).

Figura 1 – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília



Fonte: Acervo do autor

As 17h partimos de Brasília rumo a Lisboa, tendo como o endereço final o arquipélago Bijagós, com suas lindas ilhas em Guiné-Bissau. Já no trajeto de uma noite sobrevoando sobre o Oceano Atlântico, emergiram reflexões sobre o sentido dessa viagem. Estou me referindo sobre a ampliação de sentidos em poder pisar no continente africano e “deitar no colo da mãe África”, berço da grande ancestralidade que nos é proporcionada.

Enquanto Educador Ambiental Popular, que vivencia cotidianamente nosso campo de saber sendo violentado por políticas que desconsideram esses “saberes-pano-de-fundo”, lembrei-me muito da importância e do reconhecimento dessas ontologias ancestrais no

conjunto da obra de Paulo Freire. Tendo por referência esse grande educador, e, em especial, Cartas à Guiné Bissau, com ousadia escrevo, quarenta e cinco anos depois, esta carta, cuja pretensão é ser uma espécie de diário, o qual recupera algumas das muitas aprendizagens que por lá vivenciei.

Eu e minha colega, Rita Silvana, da UNB, viajamos juntos. Chegamos por volta das 6h30min a Lisboa e, como o voo para Bissau era apenas às 17h:35min tivemos tempo para conhecer o encantador centro de Lisboa. Aos poucos fui tomado por uma beleza estética muito sublime. Lisboa alia tradição, cuidado ambiental e muita organização. Muitos turistas estavam visitando a linda cidade, cujos ambientes acolhedores eram muito preparados para o turismo. Durante a ida e a volta no metrô percebi que toda aquela beleza e organização não se traduzia em bem-estar, pois observei que as pessoas estavam introspectivas, fechadas e aparentavam cansaço. Do ponto de vista material, pude perceber que o lugar era um espaço privilegiado.

Ao retornar para o aeroporto, em especial para o portão 43 A, já fui tomado por uma outra ambiência, propiciada pelos passageiros que iriam tomar o voo para Bissau. Pessoas mais barulhentas e felizes. Muita conversa e muita negritude. Ali, já comecei a sentir o clima da África. Durante o voo, conversei com um casal que estava ao meu lado e senti uma característica marcante: trata-se de um povo muito educado.

No decorrer da viagem, tive diversos registros que ficaram marcados em minha tela mental. No entanto, o que mais marcou-me foi presenciar o pôr do sol da mãe África. Em Bissau, a temperatura nessa época atinge até 38 graus centígrados. Após quatro horas e cinquenta minutos de viagem, descemos em Bissau (capital). Chamou-me atenção que todos os tripulantes aplaudiram o piloto quando da aterrissagem. Esse gesto está muito raro no Brasil, atualmente. Seus aplausos não eram de submissão, mas de reconhecimento.

Fomos recebidos pela equipe do Congresso, que nos transportou até o hotel Coimbra. Ao meu lado, sentou-se um senhor que falava o dialeto crioulo o qual é bem compreensível e se aproxima-se muito do português, Lucas era seu nome. Ele me contou que, por problemas de gestão, o povo vive e passa por inúmeras dificuldades. O baixo salário de 50 mil francos é equivalente a R\$350,00 (trezentos e cinquenta reais). Falou também da falta de produção no país, que depende muito de importação. A maior produção é a de arroz. O país tem também uma excelente variedade de frutas. Numa certa altura, acenou para um lado dizendo que nas proximidades era o bairro em que habitava há 52 anos. Eles foram muito solícitos, fizeram questão de carregar as malas e, em momento

algum, pediram gorjeta. Após isso, nos credenciamos no Hotel Coimbra, onde pernoitamos.

No dia 12, de manhã, partimos rumo ao porto para pegar o barco em direção ao arquipélago Bijagós. No trajeto, passamos pela população periférica de Bissau. Muito movimento, com muita gente realizando pequenas vendas na rua ou bem próximo. Muitas mulheres lavando roupas em pequenos tanques improvisados na rua. Muitas mães com bacias, baldes e roupas na cabeça e com o filho amarrado às costas. Aparentemente, ali, estava uma situação de grande vulnerabilidade. No entanto, o colorido das roupas e o modo de ser desse povo não estampa o sofrimento. Muito atenciosos, colaboram no porto com o nosso embarque numa pequena embarcação, éramos 14 integrantes do Congresso.

Numa embarcação muito simples, viajamos duas horas pelo Oceano Atlântico rumo ao Hotel Kasa Afrikana, na Ilha de Bubaque. Experiência fascinante marcada pela beleza do oceano e pela imersão, com paisagens belíssimas no contexto das ilhas. Conversei durante a viagem com Claudio, um dos responsáveis pela nossa viagem e nativo da ilha. Aos poucos foi descrevendo o arquipélago, Ilha das Galinhas, Ilha dos Galos e etc.

Figura 2 – O arquipélago Bijagós



Fonte: Acervo do autor.

Ao chegar, fomos acolhidos pela recepção do hotel. Consegui sinal de internet para avisar aos familiares sobre a forma como se deu a viagem e sobre a chegada ao hotel.

Narrei à minha esposa Luciane Lemos o que estava presenciando e expressei as primeiras impressões dos lugares e do modo de ser desse povo africano. Falei a ela sobre minha percepção acerca do povo, feliz, mas com sofrimentos, ao que ela me disse: “a cor reveste a dor, para que a energia se mantenha presente”. Fiz questão deste registro, pela forma que captou o significado. Ainda era o primeiro dia e muitas outras aprendizagens virão.

À tarde, fui reler Carta a Guiné Bissau e vi o quão Paulo Freire foi cuidadoso, ao não criar dependência, mas em estimular o protagonismo e a cidadania nos processos de alfabetização de adultos. No final do dia, participamos de uma reunião com a coordenação do Congresso no salão da comunidade, para os últimos ajustes. Lá, conheci Arlindo Mendes, de 57 anos, nascido na região de Cacheu, ativista e líder comunitário. Nossa conversa começou com a péssima escolha do Brasil para presidente e seu questionamento: mas foram vocês que elegeram? A partir daí, tive uma excelente escuta. Arlindo discorreu e questionou desde a colonização de Portugal em Guiné Bissau até questões voltadas à dependência pela religião. Em sua fala inicial sobre o processo de colonização, Arlindo afirma: “as raízes culturais africanas foram ignoradas no processo de colonização”, e continua “não podemos esquecer o sonho de Amílcar Cabral que nos ensinou que libertar o ser humano e fazer com que pense pela sua própria cabeça e ande pelos próprios pés”, e segue questionando: “quem é mais civilizado? Um povo como o nosso que passa vinte anos sem nenhuma morte e tem carência material ou o que se diz civilizado e tem a matéria, mas é violento? ”.

Apenas para ressaltar, no arquipélago vivem mais de 3 mil pessoas e na localidade não há quaisquer registros de violência. Tem-se, aqui, um sentimento de segurança ímpar, que nunca tinha sentido tão forte. Senti que ele queria falar, questionar sobre a pobreza: “ a pobreza não pode ser naturalizada”. Não bastasse os políticos, Arlindo questiona as religiões que domesticam as pessoas pelo medo do pecado e do inferno: “Os governos e as religiões tem medo de quem pensa. No Brasil vocês permitiram que um próprio bandido fosse eleito com o discurso contra os bandidos”. Em relação a se confessar com padre ou pastor, afirma: “Eu não me confesso por que não faço mal para o meu próximo e ao contrario eu trabalho”. Na foto a seguir, Arlindo é o terceiro à direita:

Figura 3 – Arlindo Mendes (ativista e líder comunitário)



Fonte: Acervo do autor

Ingressamos na reunião, na qual o coordenador Joaquim discorreu sobre o esforço da comunidade para receber este evento. A maioria das casas não possui energia e nem banheiro. O próprio ambiente da reunião, após uma hora, começou a ficar escuro. E algumas pessoas ligaram a lanterna do celular e puseram embaixo de uma garrafa de um litro e meio de água vazia. E isso iluminou parcialmente o ambiente.

Saímos do local com mais três colegas, sendo um brasileiro e dois portugueses, e fomos encontrar um local para jantar, pois já estava próximo das 20 horas. As ruas pouco iluminadas. No entanto, chamou-me atenção, pois havia muito movimento e muita vida nas ruas. À noite, a temperatura é agradável na ilha, então, as crianças e os adultos vão para rua, onde ouvem músicas e interagem uns com os outros. Ninguém pede uma gorjeta. Com toda a necessidade material, as pessoas te cumprimentam, olhando nos olhos, e são muito dignos em relação aos seus negócios.

Vi senhoras dançando em rodas, vi crianças abraçadas brincando, vi jovens conversando. Ao retornar, estava bem mais escuro, após o saboroso jantar à sombra de uma árvore. No entanto, continuava a mesma sensação de segurança. Cheguei ao hotel com a alma elevada em sentimento de gratidão. Ao dormir, tive um sono maravilhoso. E nessa

primeira noite, na ilha, dormi como uma criança no colo da mãe África. Agradei aos amigos e aos orixás que até aqui me guiaram. Estar em Guiné é um sonho...

Figura 4 – Os pescadores na Praia da Escadinha



Fonte: Acervo do autor

No segundo dia, (13) de abril, levantei cedo para o Pequeno Almoço – nome tradicional do café da manhã –, e logo a seguir fui ao encontro da colega, professora brasileira, e de uma doutoranda brasileira que estavam alojadas no Hotel Cruz Pontes. No caminho, além de receber e dar cumprimentos a todos, parei várias vezes pelo encantamento do sol, banhando-se nas águas do Atlântico, na costa da ilha. As imagens são indescritíveis. Muita luminosidade e beleza singular neste paraíso terrenal. Após encontrá-las, fomos comprar tecidos, que são encantadores. Tivemos uma acolhida muito especial. Um comércio familiar, composto por 3 filhos que atendem e pelo pai, o qual define o preço ou desconto.

Já estava próximo às 10h da manhã, fomos caminhando uns 2 km até a Praia da Escadinha. Esse local é muito lindo e foi a primeira vez em minha vida que vi vacas na praia. Foi muito especial esse momento. Quando estava na água, aproximaram-se de mim dois meninos pescadores que estavam nadando.

Contaram-me sobre seus sonhos, sobre futebol e que eram pescadores, e nessa época estavam pescando tainha. Disseram-me que na ilha o preço do quilo da Tainha é quinhentos francos e que em Bissau o valor é 1500 francos. Eles comem os peixes que pescam e também vendem em Bissau. Eram muitos sorridentes. Nadavam como peixes.

Quando estavam à vontade, eu vi que conversaram entre eles e começaram a mergulhar nadando ao meu redor. Dali há pouco, um passou pelo meio de minhas pernas. Pronto... tinha arranjado dois novos amigos. Por respeito a sua cultura, não tirei fotos com eles, mas esse momento ficou marcado em minha vida.

Saí um pouco da água e, quando retornei, conheci Eurípides da Silva, jovem de 20 anos, também de Bissau. Aproximou-se de mim dentro da água e disse-me: “você nada bem”!

Conversamos e escutei uma narrativa muito forte sobre a falta de opção dos jovens em Bissau Capital. Não podem estudar por que não podem pagar. Não existe emprego e dessa forma os filhos ficam com seus pais até 40 anos, pois não têm como pagar um aluguel. Logo, têm esposa e filhos e ficam na mesma casa. A saída é o mercado informal. Um salário mensal, para quem o tem, é de 50 mil francos, equivalente a 350 trezentos e cinquenta reais. Insuficiente para viver. Esse tipo de narrativa mexe comigo, pelo jovem cheia de possibilidades, mas vendo seus sonhos se limitarem.

Retornei ao hotel cujo valor da diária é quase o valor que um assalariado recebe num mês de trabalho. Diversas vezes em contato com o povo da ilha vejo que “no seu modo de ser eles têm tudo que a natureza lhes possibilita”. No entanto, as maiores carências são de direitos fundamentais. Estou tendo muitas aprendizagens e desde já sou grato aos amigos espirituais que reforçaram minha vinda para esse evento como experiência existencial.

No dia 14 de abril, logo cedo, fui ao cais, onde tomamos uma moto táxi em direção à praia de Bruce. Nelinho, nosso condutor, com quem alugou a moto com carroceria. Um trajeto de 18 quilômetros que demora em torno de uma hora de viagem. Atravessamos a ilha. A sensação cada vez que adentrávamos cajuzeiros e palmeiras era de que estava mesmo no coração da África. Muito calor, 37 graus, muitos olhares debaixo dos cajuzeiros, muitas mulheres trabalhando com quantidade de caju na cabeça e à medida que levantava o braço, todos me cumprimentavam.

Figura 5 – Percurso até a praia de Bruce



Fonte: Acervo do autor

Nelinho e Reginaldo, nossos condutores, aos poucos apresentam com orgulho aquele lugar: “há muitos missionários protestantes e católicos na comunidade de Bruce”, afirma Nelinho. Chamou-me atenção as casas feitas de Barro com coberturas de palha enormes. Quando chegamos, em torno de 12km percorridos, conhecemos o dono da motociclo que alugamos. Uma enorme casa de barro com várias portas. Ali, fiquei sabendo que o dono era o pai dos dois irmãos que estavam nos conduzindo. Assim, a conversa fluiu e perguntei a Nelinho sobre o tamanho das casas e aí compreendi o espírito de coletividade.

Figura 7 – Nelinho



Fonte: Acervo do autor

Ele me explicou que os filhos vão casando e a casa vai aumentando e vivem todos na grande casa e trabalham juntos. Sobre o valor das refeições, ele não soube informar, apenas disse que nunca come fora. Também ressaltou que essa época do ano é um tempo bom pela abundância dos cajuzeiros e do pescado.

Figura 8 – Seu Juan



Fonte: Acervo do autor

Chegamos à praia e, como fazia muito calor, nos aproximamos de um hotel restaurante, numa esplêndida e calma praia. Assim que chegamos, aproximou-se de nós um senhor, de uns 38 anos, que estava ali de passagem e que vem com frequência a esse lugar. É advogado em Bissau e já morou em Portugal para fins de estudos. Foi acolhedor. Enquanto ele conversava com minhas amigas, acompanhei uma negociação entre a gerente do hotel e um senhor produtor de Vinho da Palma. Ele pedia 250 Francos por litro e ela ofereceu apenas 200. No final ele foi quase forçado a aceitar. Puxei conversa com ele após a negociação.

Seu nome é Juan, 60 anos, ganha vida trabalhando duro, subindo nas palmeiras e levando até o alto, litros de garrafa pet vazios e faz um processo, no qual fura próximo ao cacho do fruto da palmeira, e escorre liberando um líquido que é retirado e, em dois dias, origina o famoso vinho da Palma. Seu Juan também colhe castanhas e vende. Tive um bom diálogo com ele e contou-me que já está acostumado a fazer esse duro trabalho e complementa: “não tem outro jeito né! Tenho que trabalhar. Ele leva dois galões de uns 20 litros, sendo dez em cada mão, num trajeto de 8km de bicicleta”. Nos despedimos, e saiu dali feliz, pedalando na areia, em busca de mais trabalho.

Almoçamos em Bruce e na volta em torno de 13hs fazia mais calor ainda. Senti o sol forte da África queimar minhas costas. Quando paramos na casa de Nelinho e Reginaldo, seu pai foi muito atencioso e liberou quatro cadeiras para sentarmos em cima do carroção da motocicleta. A vinda foi mais lenta, muitas pessoas interpelando Nelinho com seu dialeto. Avistamos seu Juan que estava colhendo palha para cobertura de casas.

A cena mais forte do retorno, com muitos olhares, foi na comunidade de Bruce. Quando avistaram a gente, cerca de 30 pessoas, mulher e crianças, implorando bolachas, perguntando-nos se as tínhamos. É muito forte esse apelo, segurei-me para não chorar. A fome de humanos, como a gente. Tínhamos levado umas bolachas e dado a Reginaldo que estava comendo. Eles pegaram e devoraram aquelas bolachas. Fiquei muito mexido com essa triste realidade.

Chegando ao hotel, fui tomar um banho para ir na abertura oficial do evento com o pensamento naquelas mulheres e crianças. Lembrei-me de você meu filho Francisco, de 7 anos e oito meses naquela ocasião. Também refleti muito sobre o fato de que as mulheres trabalham bem mais do que os homens nesse lugar. O evento começou com uma linda apresentação cultural africana e, na sequência, autoridades de diversos segmentos do governo se fizeram presentes. Ali, senti a dimensão desse evento que tem por horizonte um foco menos acadêmico e mais de contato direto com as comunidades do arquipélago Bijagós. Lembrei-me, então, de que quando passamos em Bruce as mulheres estavam construindo um local para receber os congressistas nas visitas que se seguiram durante o evento.

Figura 9 – Apresentação Cultural na Abertura do V Congresso Internacional de EA dos países e comunidades de Língua Portuguesa



Fonte: Acervo do autor

No dia 15, o segundo dia de evento começou com apresentações de trabalhos, salas cheias, muitas perguntas e me chamou atenção a presença de autoridades ambientais assistindo às diversas mesas. Também me chamou atenção na abertura a quantidade de negros e negras na mesa de solenidade. Pela primeira vez participo de um evento cuja mesa é composta em sua maioria por negros e negras e apenas um branco.

Figura 10 – Apresentações de trabalhos



Fonte: Acervo do autor

Particpei como ouvinte do GT mudanças climáticas, com excelentes trabalhos e resultados de pesquisas. O que mais me chamou atenção foi um estudo que demonstrou que a América do Norte e a Europa são os países que mais poluem e que quem sofre a consequência com desastres maiores são aos países africanos. Também me chamou atenção o questionamento do representante do governo, estudioso sobre mudanças climáticas, Alexandre Cabral. Como discutir mudanças climáticas nos países africanos sem discutir vulnerabilidade social e financiamento para pesquisa?

Na sequência, tivemos uma rica mesa sobre o mesmo tema, aberto a todos os participantes do evento, com 5 painelistas, com abordagens diferentes afim de discutir essa temática relacionada às migrações. Uma das consequências das mudanças climáticas é o fato de que muitas pessoas, por conta dos desastres, têm que se mudar. À tarde, assisti a trabalhos voltados à Educação Ambiental, Currículo e Gênero. Chegando no hotel, encontrei um amigo que fiz no primeiro dia, quando aqui cheguei. Pintor de barco e artista plástico. Dionísio Francisco Gomes da Ilha de Soga.

Ele tem 33 anos e, por coincidência, estava em frente a uma de suas obras. Com orgulho, contou-me que o nome da obra é Cabaro, que tem seu significado ou representação de uma fase de danças e conquistas amorosas dos Bijagos. Essa fase também é de preparação para a cerimônia de Fanado. Fanado é resultado de um período em que os homens ficam de quatro a seis meses no mato em contato com os mais velhos, para aprender como o mais novo deve tratar uma mulher. É uma fase de aprendizagem e reforço de valores culturais e morais, afirma Dionísio. Aproveitei a ocasião e pedi a ele se era possível fazer um registro, o que prontamente atendeu. Estava com expectativa grande para o dia seguinte, já que irei conhecer a Ilha Soga.

Figura 11 - Dionísio Francisco Gomes



Fonte: Acervo do autor

O dia 16 amanheceu com sol luminoso na Ilha de Bubaque. Logo cedo, assisti a uma rica mesa, com duas grandes expressões da Educação Ambiental: Professora Marília Torales (UFPR) e a ativista ambiental Regina A. Charumar (Moçambique). A mesa se intitulava Educação Ambiental no Século XXI: Caminhos e Desafios. A professora Marília fez uma profícua discussão, a partir de inúmeras pesquisas de expressões globais; e Regina discutiu os desafios ambientais de Moçambique, que recentemente sofreu influências das

questões climáticas. Toralles além de ter trazido conceitos como refugiados climáticos, alerta para que em pouco tempo 143 milhões de pessoas estarão se deslocando. Só no Brasil 8,8 milhões já migraram. A pesquisadora alerta sobre o conceito de migrações invisíveis e que somente se tornam visíveis quando chegam na fronteira com os Estados Unidos ou no Leste Europeu. Para a autora, o conceito de Climático está associado à questão da justiça ambiental e da justiça climática.

Nesse sentido, necessitamos de dois movimentos: reconhecer o problema e, posteriormente, comprometer-nos com ele. Pois, não é justo a África e Chile pagarem uma alta conta por ações não assumidas pela Europa. Nesse sentido, o Congresso aponta para o caminho da Educação Ambiental, para evoluirmos na transição ecológica, uma vez que, no caso do Brasil, 25% da população está na escola. Defende também a escola como aliada no enfrentamento da questão. A líder Regina lamentou o desastre em Moçambique, pediu um minuto de silêncio e apresentou desafios reais na preservação de espécies em extinção. Também apresentou ações concretas para enfrentamento da crise ambiental e das mudanças climáticas. Além de um grande número de voluntários seu projeto possui programa de TV entre outras mídias. Tudo isso sem nenhum financiamento, pois a pauta ambiental não é eleitoreira.

Figura 12 – Mesa: Educação Ambiental no Século XXI: Caminhos e Desafios



Fonte: Acervo do autor

Assim que se encerrou a mesa, fomos direto ao porto para tomar o barco em direção à Ilha de Soga. Um trajeto não muito longo e compensado por uma excelente recepção, com músicas e sorrisos dos irmãos africanos. Logo na entrada, ganhei um caju e confesso que foi a primeira vez que chupei um caju. Aos poucos, ao som dos tambores, fomos adentrando na ilha. Conhecemos o pequeno posto de saúde. Logo puxei conversa com um rapaz muito simpático. Era Domingos, 26 anos, nativo da ilha da Aldeia de Etambro que fica a uns 4km adentro da ilha de Soga. Conversando sobre as dificuldades da comunidade, ele falou que as duas principais são água potável e hospital. E sobre as coisas boas muito caju, peixes, bacalhau, tainha e becuda. Na ilha, vendem a 250 francos cada tainha. Valor bem baixo. Sobre a sua vida, contou-me que viveu até o sexto ano na ilha, onde estudou na escola da comunidade. Depois, foi viver com uma irmã em Bissau, capital, para estudar. Estudou até o 12º ano e voltou para ilha, onde atua como Educador Popular, pois não tem formação específica para a área, mas trabalha como professor numa escola privada de uma congregação religiosa evangélica protestante. Contou-me que tem dois irmãos e vivem todos na mesma casa.

Além de trabalhar com o primeiro ano, no qual ensina, primeiro, conhecimentos morais, ele atua no sexto ano, em turno inverso, nas ciências naturais e na educação visual (Uma espécie de Ensino de Arte). No entanto, para a comunidade, a arte é voltada para a representação simbólica dos saberes da comunidade. Ele me contou que tem uma filha, Ricaela, de quatro anos, mas não vive com a mãe dela. Na ilha, os homens podem ter mais que uma mulher. Sobre o casamento, existe o tradicional, que é mais raro, e existe o sem ritual formal, no qual as pessoas apenas vivem juntas. Para se casar formalmente, contou-me que o homem deve ir até a família da pretendente e oferecer uma vaca ou bens materiais. Nesse caso, tanto ele, quanto ela, passam por um período de preparação, que já narrei anteriormente quando descrevi o ritual fanado. Explicou também que mulher que teve um relacionamento com filhos não pode participar do ritual, mas o homem sim. A conversa ficou boa e, sem dar-me conta, entramos ilha a dentro e já estávamos perto de sua comunidade e escola. Ali, tive oportunidade de conhecer seu Joaquim Pereira de 87 anos, pai do Domingos. Com muito orgulho, Domingos nos mostrou a sua escola.

Figura 13 – Domingos, 26 anos e recepção pela comunidade Ilha de Soga



Fonte: acervo do autor

A escola tem 4 professores e 120 alunos. Conforme narram muita gente evade ou atrasa anos por necessidades de ajudar os pais no trabalho. Domingos nos contou como funciona a hierarquia na comunidade. Existem pessoas com mais idade responsáveis por toda a ilha. São os chamados Régulo.

A essa altura, participava da conversa conosco um outro amigo que fiz na ilha, Justino Pape Gomes, de 27 anos. Contou-me que perdeu anos de estudo para poder ajudar a mãe a sustentar a casa. Ele tinha a representação de um tubarão. Uma linda representação de uma relação indissociável humana-animal. Falou-me que seu sonho é ser médico, para poder trabalhar na comunidade. Gosta e tem orgulho da sua cultura. Tem uma filha de 3 anos que se chama Jenifer. Considera a escola o alicerce da vida. No entanto, sabe que não tem condições financeiras para ser médico. Então, deseja acabar o 12º ano e após tentar concurso para ser professor para um dia pagar o curso de medicina. Ao mesmo tempo que gosta da ilha, tem uma visão muito sofrida da vida. Eu senti muita tristeza em seu olhar. Desde cedo seu pai perdeu terras e começou a beber. Então sua luta é pela sua mãe. Perguntei como era seu cotidiano nesse período de trabalho para sustento da família. Aí veio à tona uma triste história. A história da fome dos nossos irmãos africanos. Levantava todo dia cedo, com um litro de água, sem comer nada, trabalhava até as 17h. Voltava para casa em torno de 19h, fazia a refeição do dia. Contou-me que muita gente faz uma refeição

por dia na ilha. Por isso, na época do caju é um período que comemoram a colheita e passam menos fome.

Figura 14 - Justino Pape Gomes



Fonte: acervo do autor

Adentrando um pouco mais na comunidade, conheci seu Mário Pereira. Disse a ele que era brasileiro, mas que minhas raízes são africanas e que estava muito contente em lhe conhecer. Aquelos rostos, aquelas pessoas me lembraram muito meu saudoso pai. Eu estava me sentindo no coração da África e encontrando as raízes do Pereira. Deu-me um abraço e, já velhinho, conversava um pouco em Crioulo e muito pouco em português.

Quando olhei mais adiante, havia um movimento em nossa frente, à sombra de uma árvore. Os jornalistas que nos acompanhavam estavam fazendo uma entrevista com o Régulo, responsável por toda ilha. Ali estava uma realeza africana com poder moral falando em crioulo e os filhos traduzindo. Seu nome, Paulo Amissau, 88 anos, descendente da realeza, é a figura mais respeitada na ilha toda. Com muita simplicidade, pedi se podia cumprimentá-lo e pedir sua benção e, positivamente, foi-me permitido, bem como fazer um registro de foto deste momento.

Figura 15 –Interior da Ilha de Soga



Fonte: acervo do autor

Figura 16 - Paulo Amissau, Realeza Africana



Fonte: acervo do autor

Dali, rumamos em direção à escola pública da comunidade, onde muitas mulheres num espaço construído por elas estavam terminando de preparar o almoço. Havia muitas crianças nos arredores. Havia um homem vendendo suco. Eu comecei a perceber que aquelas crianças estavam com fome. Paguei um suco para o meu amigo Justino e para sua filhinha que acabara de conhecer. Entramos no espaço do almoço e conheci a Rainha da comunidade, Cristina, que participa de inúmeros rituais voltados para as mulheres. Fui

cumprimentá-la e fui muito bem recebido. As mulheres se aproximam pouco dos homens na ilha e em geral elas falam menos português.

Quando fomos liberados para o almoço, percebi que a comunidade ficou parada, vendo-nos servir a comida. Perguntei para Justino o motivo e ele não quis me responder. Então, dei-me conta. E, vendo que estava com fome, chamei ele e dei meu prato para ele comer. Olhando para aqueles olhares, não consegui almoçar. Tomei apenas um suco. Depois de mais ou menos meia hora, percebi um movimento das mulheres e crianças na direção de uma sombra. Ali, todos comeram o que havia sobrado. A maioria comia com as mãos o arroz e o feijão. Para mim, foi uma realidade muito forte. A África sentindo fome.

Figura 17 – “Seu Mário Pereira”



Fonte: acervo do autor

Estavam no grupo duas pesquisadoras que sugeriram para esse lugar a permacultura como estratégia para viverem melhor e cultivarem outras culturas. O grupo da Unicef responsável se interessou e pegaram contatos visando melhorias e busca de alternativas para água potável. Após o almoço, seu Mário veio ao meu encontro e me presenteou com um mamão. Disse-me que tinha gostado de mim e queria saber se um dia eu voltaria à ilha.

No retorno para Bubaque, de barco, perdi-me em pensamentos sobre tudo o que ali vivenciara. Quando as ondas se intensificaram um pouco, os jovens começaram a cantar. Então, percebi que o canto era para espantar o receio. Era também uma vibração espiritual pela melhora. Esse povo sabe muito como enfrentar as adversidades. Quanto mais me

distanciava da ilha mais ficava presente em mim o olhar de tristeza de Justino e também o olhar de esperança de poder estudar de algumas crianças. Mas antes é preciso sobreviver...

Depois do retorno à Bubaque, tomei um banho e fiquei no hotel, introspectivamente, pensando na experiência vivida. Esse foi o dia em que mais fui tocado. Dormi com a imagem na minha tela mental daquelas crianças me olhando silenciosamente, a pedir-me comida. Fico a refletir sobre os desafios concretos que temos pela educação na garantia de vida digna a milhares de seres humanos.

No dia seguinte, 17, pela manhã, era meu último dia inteiro na Ilha de Bubaque. Então, decidi ficar pela ilha e ampliar minha relação local com a comunidade. À medida que ia caminhando encontrava as pessoas e também ouvia cumprimentos. Ouvi alguém chamar: Vilmar! Olhei para trás e era Nelinho, o rapaz que nos havia levado a Bruce ainda no domingo. Afetivamente, aproximou-se e conversamos. Estava com seu motociclo, seu meio de sustento. Estava indo na direção do porto. Eram 10h da manhã. Pedi carona a ele e fomos conversando sobre família, caju e trabalho.

Chegando próximo ao porto, perguntei se estava com fome e me disse que sim. Ofereci a ele uma refeição e prontamente aceitou. Disse-me que tinha um lugar onde se comia bem e barato. Entramos num pequeno estabelecimento e ele cumprimentou sorridente a dona do estabelecimento e pediu um prato de comida. Era um prato muito cheio com arroz e carne. Enquanto comia, apareceram duas mulheres, as quais ele me apresentou, uma como sua tia e a outra como amiga de sua tia. Elas puxaram um banco, aproximaram-se e pediram talheres e, juntos, começaram a comer. Ofereci se queriam mais outro prato e a senhora que estava junto com sua tia aceitou por que gostava de peixe. Ali, naquela realidade, reforçou-se mais ainda o sentimento coletivo e o sentimento de partilha. Os Guinesenses compartilham tudo, mesmo na necessidade.

Figura 18 – Aliu Cande- Jornalista



Ao retornar para o centro da ilha, encontrei a professora Rita que estava conversando com pessoas da comunidade. Essa era nossa intenção. Encontramos também os rapazes de Guiné, os quais conhecemos na praia, que gentilmente me trataram pelo nome. Em especial, Eurípedes da Silva. Conversamos sobre futebol e sobre a admiração que tem por Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo Fenômeno. Logo adiante, encontrei amigos Jornalistas que foram conosco à ilha de Soga, no dia anterior. Avelino, Técnico de Áudio Visual, e Aliu Cande conversamos sobre diversas coisas, e Aliu me falou que gostaria de um olhar brasileiro sobre Guiné e o evento. Dessa forma, solicitou-me uma possível entrevista, fazendo um paralelo da EA entre os dois países. Na referida entrevista, fiz uma fala de reforço da riqueza e de pertencimento e aprendizagens que tive no referido evento, pelo horizonte da Educação Ambiental e Popular. Coloquei nosso Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental à disposição, no sentido de estreitamento de laços e possíveis parcerias Brasil-Guiné, uma vez que reconhecemos ser filhos da mãe África.

Já era quase meio dia e fui almoçar com duas brasileiras, Luisa de Pinho, que estuda Educação Ambiental e Ecofeminismo, e com Rita Santana, minha colega e pesquisadora da Unb. No almoço, foi possível reforçar o fato sobre como as mulheres em Guiné têm muitas atividades e trabalham mais. Desde o cuidado de casa, captura de ostras à venda de produtos. Retornei ao hotel para arrumar minhas coisas, pois no dia seguinte teria apresentação de trabalho e reunião com a comissão científica, visando à publicação dos trabalhos do evento nas Revistas REMEA, Educação & Ambiente e Ambientamente Sustentable. Lembro que esse dia foi a final do campeonato gaúcho e eu não consegui ouvir o jogo por falta de sinal na ilha. Somente bem cedo soube da derrota nos pênaltis do meu colorado. Talvez a distância doeu menos...

O dia 18 amanhece em Bissau com o tradicional sol. Depois de tomar o “pequeno almoço”, nome tradicional do café da manhã, dirigi-me à escola Liceu, onde tive 10 minutos para apresentação da Ecologia Cosmocena no contexto das mudanças climáticas. A modalidade de apresentação de trabalho era muito formal e pouco dialógica. No entanto, consegui apresentar as linhas gerais da Cosmocena, com destaque para o reconhecimento das novas e velhas sabedorias, do descuido nos fenômenos migratórios e da reivindicação e reconhecimento de um mundo diverso e sem preconceitos. Após apresentar, tive que me ausentar para participar da reunião da comissão científica que, dentre outros aspectos, discutiu o legado do evento e publicização dos resultados. Acertamos os detalhes, passei as normas das revistas. Na reunião, encontrei Alexandre Cabral e trocamos contatos, visando parcerias futuras.

Figura 19 – Alexandre Cabral



Fonte: acervo do autor

A essa altura era quase meio dia. Fui até o hotel e peguei as malas e com um transporte me dirigi ao hotel Cruz Pontes para almoçar e ficar mais perto do porto (cais) de onde o barco partia às 14h. No dia anterior, tinham me comunicado que sairia às 16h30min. Questionei o fato de ser tarde, pois no arquipélago há um fenômeno em que a maré sobe em alguns horários, inclusive no final do dia. Quando estávamos embarcados ouvi: Vilmarrrr! Era Nelinho. Veio despedir-se e estava perguntando quando retornava. Confesso que, nesse momento, a minha voz embargou. Parecia que eu estava deixando meus parentes, com emoção. Difícil sempre dizer adeus.

Saímos do porto às 14h45min, houve uma agitação e o capitão do barco cobrava agilidade. Na viagem, conheci um dos marinheiros, José Raul Iaratanó, de 55 anos. Natural de Orango, grande secção de setor uno. A conversa fluía enquanto o barco cortava as águas rumo à Bissau e Zé me contava sobre sua vida. Convivem em Bubaque entre 22 pessoas na mesma casa. Reforçou o aspecto de que em Bubaque não existe violência. Ele tem 6 filhos e estudou até a quarta série. Sempre trabalhou em Bubaque. Vinha de Orango e trazia chapéu para vender desde 1983. Em 1984 começou o trabalho para ganhar dinheiro. Trabalhou na rádio WHF, e também nas ilhas, como marinheiro do Canad em 1984. Depois, em um projeto italiano, até outubro de 2006. Agora trabalha na Casa Ambiente.

Seus filhos têm respectivamente 15, 16, 19, 22, 23 e 25 anos. Na casa também moram sobrinhos e primos. Ele tem um irmão que mora em Bubaque. Quanto à religião,

vem do pai curandeiro. Eles chamam a religião de misteriosa. Conforme Zé, seu pai ajudava as mulheres que tinham dificuldade de engravidar. E afirma: “Não cobrava nada”. Às vezes, algumas pessoas retornavam e lhe davam um cabrito. Morreu com 110 anos, de diabete. O curioso é que foi enterrado em casa. Para ele é um grande costume enterrar a pessoa onde mora. Era visto como uma forma de cuidar da família. Na sua cultura, quando alguém sofre de doença é considerado castigo.

Ao recordar da sua infância, fala com alegria de como era bom lá. Plantavam de tudo, manga, caju e batata doce. Quando alguém saía de Orango, voltava para ensinar aos mais novos. Os mais velhos cuidavam dos mais novos. Isso seu Zé tem até hoje como valor, pois possui um pedaço de terra em Orango e afirma: “Eu gosto muito da minha terra e da minha horta de caju. Gosto sempre da minha terra”. Contou-me que no mês de agosto tira férias, vai cuidar do seu hectare de terra em Orango. Como seu salário de marinheiro é insuficiente para o sustento, ele planta e vai com frequência à ilha de Orango. Isso melhora o sustento, pois, como afirma: “Não precisa de feira toda hora posso criar porco também”. Seu compromisso com seus filhos e parentes é ensinar a trabalhar, em memória do pai e da mãe que sempre trabalharam e viveram mais de cem anos.

A essa altura já estávamos mais de uma hora Rio adentro. Zé contou-me também que ele ajudou seu sobrinho a estudar e que seu sobrinho estudou no Brasil e, hoje, é secretário de um partido político. Como forma de retribuição, o sobrinho construiu a casa em que hoje ele vive. Conforme seu Zé, a maior dificuldade do povo de Guiné é estudar. O balançar das águas era movimentado por reflexões sobre o direito à educação. Como esse direito interfere diretamente na vida das pessoas.

Pedi licença ao seu Zé para tirarmos uma foto. Quanto mais nos aproximávamos de Bissau, a água começou a ficar com aspecto mais barrento. Ele me disse que era devido ao movimento das marés. Logo adiante entenderia o porquê. Devido ao fato de termos saído às 14h45min eles já previam que enfrentaríamos maré cheia. Uma colega Africana passou mal. O barco teve que diminuir a velocidade. O capitão acalmou a tripulação de 20 pessoas e, após termos superado a enchente, falou muito indignado do desrespeito da organização do evento com os saberes do mar. Contou-nos que havia previsto e avisado que deveríamos sair às 10h30min da manhã. No entanto, não fora ouvido e disse-nos que, se ocorresse algo grave, ele seria responsabilizado.

Figura 20 – José Raul Iaratanó – “Seu Zé”



Fonte: acervo do autor

Com maré calma chegamos a Bissau e fomos muito bem acolhidos pelo representante do Ministério da Economia, Sr. Fona. Conduziu-nos a um hotel, onde tomamos banho; e depois ao aeroporto. No trajeto, falou dos desafios de Guiné no que concerne ao olhar estrangeiro e a forma como veem o país para investimentos. Também falou da solidariedade de países que, em ocasiões pretéritas, utilizaram o passaporte de Guiné Bissau e que hoje retribuem solidariamente em projetos e parcerias. Com muita atenção e respeito fomos conduzidos até o aeroporto. E já ali sentia uma saudade grandona de tudo o que lá vivi. É o saber feito que Paulo Freire reconhece.

Ao retornar ao Brasil, faço questão de registrar que a experiência vivida em Guiné, ontologicamente, ensina-nos um modo de ser e viver diferenciado. Trata-se de um povo com valores e riqueza cultural muito expressivos. Muita dignidade humana e cultura da paz como modo de ser. Vive-se uma relação natureza-humanidade indissociável e valoriza-se como conhecimento primeiro os saberes dos mais velhos, da ancestralidade. Em primeiro lugar aprende-se a como respeitar e valorizar a cultura.

Sabe, meu filho Francisco, para quem escrevo essa carta, essa foi a experiência mais significativa que seu pai vivenciou, enquanto educador ambiental e popular. Essa viagem aprofundou ainda mais em mim as marcas de nossa ancestralidade. Somos todos filhos da mãe África. Isso só reforça em tempos de crise no campo Educação Ambiental a necessidade e a esperança de que pela educação podemos sim ter um instrumento de luta na busca de emancipação e de garantia de direitos. Dessa forma, gostaria de expressar a

minha profunda gratidão a coordenação da **Rede Lusófona de Educação Ambiental - Redeluso** e ao governo de Guiné por me permitir, através desse evento, ter tido uma experiência que, sem dúvida, reforça meu compromisso com a Educação Ambiental Popular, bem como possibilidades de futuras parcerias.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. F934c. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 48. reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

OLIVEIRA, Leticia Paranhos Menna de. **Educação Ambiental Popular: Permacultura Na E. E. F. Paul Harris** – Porto Alegre, Rs. Porto Alegre. Revista da Graduação 2013.

REBEA. CARTA DA REBEA AOS MINISTROS DA EDUCAÇÃO E DO MEIO AMBIENTE. DISPONÍVEL EM: <<http://rebea.org.br/index.php/noticias/88-noticias/155-carta-da-rebea-aos-ministros-da-educacao-e-do-meio-ambiente>>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em:<<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa (Org.) ; MIRANDA, Sicero Agostinho (Org.) . **Horizontes da Educação Popular na perspectiva da Paulo Freire**.1. ed. Passo Fundo: Méritos, 2018. v. 1.

PEREIRA, Vilmar Alves. **Ecologia Cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos**. 1. ed. Juiz de Fora: Garcia Edizioni, 2016.

PEREIRA, Vilmar Alves; DIAS, José Roberto de Lima; ALVARENGA, Bruna Telmo . **Educação Popular e a Pedagogia da Contramarcha: uma homenagem a Gomercindo Ghigi**. 1. ed. Passo Fundo: Méritos, 2013. v. 1.